

mente. Acrecentou mais que o filho nascera n'um departamento do meio-dia, que fôra entregue a uma ama, e que pouco tempo depois fôra a propria mãe avisada de que não deveria consentir que por mais tempo a creança se conservasse em poder d'aquella ama... Dizia-se que esta era de mau comportamento e *suppunham-na* atacaça de uma affecção suspeita. Quando foi buscar seu filho encontrou-o em muito mau estado; estava coberto de manchas e de botões e tinha algumas ulcerações nas verilhas e partes genitales. Voltando a Paris levou a creança a vaccinar á academia (em 12 de agosto de 1865) e foi no dia 19 que ella forneceu a vaccina. Segundo dizem a mãe e o empregado vaccinador, as pustulas tinham-se desenvolvido muito *regularmente*, não offereciam caracter algum que as tornasse suspeitas, e foram abertas de modo que não saiu sangue.»

Eis-aqui textualmente, exclama o Sr. Guérin, quaes eram as duas vacciníferas: uma de perfeita saúde, outra morta por uma crise cholériforme. A vaccinação tinha tido bom exito e os resultados nada deixavam a desejar. Quem pôde concluir de similhantes esclarecimentos? E comtudo o Sr. Dépaül contenta-se com elles; é sobre a saúde perfeita da primeira vaccinífera e sobre as narrações da mãe da fallecida que se levanta ousadamente a etiologia d'estes desgraçados casos. Que pensar de uma theoria que aceita taes factos e que com elles augmenta a sua bagagem? Não são elles dignos de completar os que se acham comprehendidos na formula do Sr. Blot?

Em seguida o Sr. Guérin tratou incidentalmente de dois pontos um pouco alheios á questão scientifica, um em referéncia ao que fôra classificado como abuso na colheita de dados officiaes, e outro relativo ao que pelo Sr. Dépaül fôra olhado como censura do Sr. Guérin pela ausencia d'aquella na occasião de se praticarem as vaccinações suspeitas. Qualquer d'estas questões intercurrentes não importam, á verdade scientifica que se trata de apurar e por isso nos abstemos de acompanhar ahi a argumentação do Sr. Guérin. Ainda assim deve dizer-se que este orador concluiu da ausencia do Sr. Dépaül que, se existe a syphilis vaccinica, é necessario que um estranho pratique a vaccinação para ella ser prejudicial, pois que qualquer medico teria conhecido a inconveniencia a que o Sr. Dépaül não podéra obstar visto achar-se ausente.

Depois que a doutrina da syphilis vaccinica poz em alarme a profissão, muitos collegas têm dado conta de casos de vaccinação feita

com vacciníferas infectadas de syphilis sem accidente algum desagradavel para as vaccinadas, e comquanto o Sr. Dépaül não dê importancia a esses casos por serem de factos negativos, da-lh'a o Sr. Guérin por saber que elles só não teriam importancia perante factos positivos, que não existem. Um facto positivo, diz o orador, é aquelle cuja causa é provada na sua realidade material e nos seus effectos correlativos, ou estes reproduzidos pela acção da causa induzida. Nada d'isto ha até agora a syphilis vaccinica; d'onde o Sr. Guérin conclue que os factos negativos trazem comsigo o aviso proprio para tornar circumspectos os que se prezam de racionar segundo as regras da logica, isto é, do bom senso.

Emquanto a syphilis vaccinica não for realmente e rigorosamente demonstrada, a academia deverá ser grata ás communicações dos casos de vaccinação syphilitica não seguidos de syphilis vaccinica. E tanto assim pensa o Sr. Guérin que elle proprio relata dois d'esses casos colhidos n'uma memoria do Dr. Bourget, cirurgião em chefe do hospital de Rodez (Aveyron).

Na alludida memoria, consagrada á demonstração de que não é real a syphilis vaccinica, refere o Sr. Bourget dois exemplos de vacciníferas syphiliticas, evidentemente taes, que serviram para fazer uma 5, outra 15 vaccinações todas sem accidente algum; u'estas 15 inoculações tomou-se indistinctamente o virus e o sangue das pustulas, porque se ignorava então que as vacciníferas fossem syphiliticas. Taes factos parecem ao Sr. Guérin bem positivos e como outras tantas experiencias comprovativas da não transmissão syphilitica.

(Gazeta Med. de Lisboa.)

## NOTICIARIO

Publicações recebidas.—Agradece-mos ao Sr. Dr. J. R. de Souza Uchôa a offerta de sua these de doutoramento, sobre *Abcessos da coxa*, sustentada na faculdade de medicina de Paris em 2 de Maio do corrente anno.

A noticia bibliographica que sobre este interessante trabalho escreveu-nos o digno collega Sr. Dr. Chaves Campello, e que hoje publicamos, dá uma ideia exacta e bem merecida de sua alta importancia.

Congratulamo-nos com o nosso distincto collaborador o Sr. Dr. Uchôa pela feliz terminação de seu tirocinio, e lhe auguramos um prospero futuro por sua dedicação á sciencia.

Relação entre a temperatura animal e certos principios do sangue e urina.—Em sessão de 6 de dezembro passado o Sr. Andral communicou á *Académie des sciences* o resultado das suas analyses sobre a relação existente entre as *alternativas de temperatura do corpo e as variantes quantidades de alguns principios do sangue e urina*. Relativamente

a fibrina estabelece como facto geral que, quando ella existe no sangue em quantidade superior a 4 millesimos, a temperatura, sope sendo superior a elevação thermometrica directamente proporcional ao augmento d'aquelle principio plastico do sangue. Entre estes dois factos porém ha completa independencia, por que a temperatura pôde attingir o seu *maximum* de elevação sem haver augmento, e antes pelo contrario diminuição de fibrina no sangue, o que acontece em certas pyrexias (febre typhoide, febres intermitentes, etc.)

Quanto aos *globulos*, a regra geral é que a sua diminuição, por mais consideravel que seja, não faz descer a temperatura abaixo do limite physiologico, podendo ao contrario elevar-se acima d'elle, como por exemplo acontece na chlorose, em que muitas vezes se observa um calor febril, o qual originou a expressão de *febris alba*.

Pelo que respeita á *albumina*, só no fim de muito tempo a sua insufficiencia faz baixar não muito sensivelmente a temperatura.

A *urea* em geral augmenta com a temperatura; acontece porém que ella nas febres pertinazes muitas vezes, sem deixar de ser eliminada em abundancia, diminue todavia a partir de certa epocha, conservan-do-se a temperatura sempre no mesmo grau de elevação, o que deve attribuir-se á influencia da dieta que actua sobre a urca em sentido inverso ao da febre. Ha casos em que, sem augmentar o calor, a urea eleva-se ás proporções que se observam no estado febril, como acontece por exemplo na cirrhose do figado, o que o Sr. Andral explica admitindo uma acção suplementar do rim, substituindo na eliminação dos principios azotados o tecido hepatico alterado.

O Sr. Bouillaud, confirmando a maior parte das asserções do Sr. Andral, insistiu particularmente na differença entre phlegmasias e pyrexias quanto ás proporções da fibrina do sangue, a qual não se manifesta em excesso nas febres, augmentando pelo contrario nas inflammções, como se demonstra pela cuenna inflammatoria, verdadeira neo-membrana cujo principal elemento é a fibrina.

Por esta occasião o Sr. Becquerel lembrou que ha mais de trinta annos fizera conhecer um processo mais directo, que o que ordinariamente se emprega, para determinar com precisão a temperatura das partes interiores do corpo no estado normal e pathologico, consistindo no emprego da sonda thermo-electrica, a qual permite registrar as mais ligeiras mudanças de temperatura no organismo. *Jornal da S. de Sciencias Med. de Lisboa.*

**Ensino livre.**—A vista do grande movimento produzido na França pela questão da liberdade do ensino medico, o *Mouvement Medical* publicou em suas columnas a seguinte lista dos trabalhos mais recentes e importantes sobre este assumpto, que não será também indifferente aos nossos leitores.

1º *Parti libéral en France*; par Laboulaye;

2º *De l'enseignement clinique dans les hôpitaux*; par M. Delasiauve; Paris, 1859, chez V. Masson;

3º *Les libertés professionnelles*; par N. Pascal (*Mouvement médical*, 1865, p. 61, 73, 85, 107.);

4º *Nécessité d'un corps examinant distinct d'un corps professant*; par P. Diday (*Gazette méd. de 1865 et Mouvement méd.*, 1865, p. 97, 213, 137.);

5º *De l'enseignement médical*; par N. Pascal (*Mouv. méd.*, 1866, 1867.);

6º *De la liberté de l'enseignement médical*; par le docteur Dupré; Paris, 1865;

7º *La liberté de la pratique et la liberté de l'enseignement de la médecine*; par Léon Le Fort (*Gaz. hebdomadaire*, 1866, p. 49, 65, 81, 113.);

8º *Quelles sont les sources véritablement fécondes d'instruction médicale et pharmaceutique?* par N. Pascal (*Mouv. méd.*, 1866, p. 1, 14.);

9º *L'enseignement médical sera-t-il libre?* par le même (*Ibid.*; p. 49.);

10º *Réorganisation de l'enseignement à la Faculté de médecine*; par J. Guérin (*Gaz. méd.*, 1866, p. 37.);

11º *L'enseignement officiel et l'enseignement libre*; par le même (*Ibid.* p. 73, 127.);

12º *Situation de l'enseignement et du personnel de la Faculté de médecine de Paris, mesures proposées*; par le même (*Ibid.*, p. 655, 697, 711, 745.);

13º *État actuel et besoins de l'enseignement*; par Dechambre (*Gaz. heb.*, 1866, p. 706.);

14º *L'enseignement médical à la Faculté* (*Mouv. méd.* 1867 p., 385.);

15º *Les professeurs examinateurs* (*Ibid.*, p. 133, 157, 283, 365, 531.);

16º Voir aussi *Gaz. méd.*, 1867, p. 2, 119.

17º *Séparation du corps enseignant du corps examinant*; par M. le docteur Caffé (*Journal des connaissances médicales et pharmaceutiques*, 1867, n.º 10.);

18º *L'enseignement médical sera-t-il libre?* par N. Pascal (*Mouv. méd.*, 1868 p. 157, 169, 181.) Voir aussi dans le même volume des lettres de MM. Rambaud, Piton, H. de Castelnau, p. 180, 198, 231);

19º *L'enseignement de la médecine devant le Sénat*; par F. de Ranse (*Gaz. méd.*, 1868, p. 191, 691.);

20º *L'enseignement de la médecine*; par le même (*Ibid.*, d. 89, 191, 307.);

21º *L'enseignement libre devant le sénat*; par J. Guérin (*Ibid.*, p. 263. Voir aussi p. 279, 291.);

22º *De l'enseignement médical*; lettre à M. J. Duval, directeur de l'*Economiste français* par M. Delasiauve; Paris, 1868, chez V. Masson.

23º *Opinion de la Gazette des hôpitaux en faveur de la liberté de l'enseignement et de la séparation du corps enseignant* (*Gaz. des hôpitaux*, 1869, n.º 46 et 48; citée dans le *Mouv. méd.* 1869, p. 227.);

24º *Opinion de la Revue de thérapeutique medico-chirurgicale en faveur des mêmes questions* (*Revue de thérap. medico-chirurg.*, 1869, 15 juin, et *Mouv. méd.*, p. 322);

25º *La liberté de l'enseignement en Espagne*; par F. de Ranse (*Gaz. méd.*, 1869, p. 1.);

26º *La liberté de l'enseignement à l'université de Bruxelles*, par le même (*Ibid.* p. 603.);

27º *L'État enseignant, étude de médecine sociale*; par Guardia (*Ibid.*, p. 80.);

28º *Enseignement et concours*, par F. de Ranse (*Ibid.*, p. 289.);

29º *La liberté pour tous*; par F. Roubaud (*Opinion médicale*, 1870, n.º 3 et *Mouv. méd.*, p. 50.);

30º *De la réforme de l'enseignement supérieur et des libertés universitaires*; par Ch. Schutzenberger, professeur de clinique médicale à la Faculté de Strasbourg. Broch. in-8 de 116 pages; Strasbourg, 1870;

31º *Le problème social*; par M. le docteur Dupré. Vol. in-18 de 206 pages. Paris, 1870.

32º *La liberté de l'enseignement supérieur*; par M. Ch. Clair; Paris, 1870, chez J. Albanel, 15, rue de Tournon.

33º *L'Université*; par N. Pascal (*Mouv. méd.* 1870, n.º 9, 10, etc.).